

# IDENTIDADES DE MATO GROSSO: OLHARES GEOGRÁFICOS

## IDENTITIES OF MATO GROSSO: GEOGRAPHICAL LOOKS

Sônia Regina Romancini<sup>1</sup>

**RESUMO:** O estado de Mato Grosso se caracteriza pela diversidade cultural dos habitantes de seu imenso território, onde muitas identidades são construídas e (re)construídas no desenrolar das vidas de diferentes pessoas e/ou grupos sociais. Atualmente, a população de Mato Grosso é predominantemente urbana, com 81,8% das pessoas vivendo em cidades. Esta característica justifica a escolha pelos estudos da cidade que, neste artigo, aborda a importância da construção de identidades em Mato Grosso. O artigo revela diversos olhares, especialmente dos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Novas Territorialidades (GECIT/UFMT), que desenvolvem pesquisas e contribuem para a produção do conhecimento sobre temas urbanos e as relações entre espaço e cultura em Mato Grosso. A partir do tema novas territorialidades em Mato Grosso, faz um percurso através das pesquisas realizadas em Diamantino, Rondonópolis, Sorriso, Sinop e sobre as cidades da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC).

**Palavras-chave:** Mato Grosso; território; cultura; identidade.

**RESUMEN:** El estado de Mato Grosso se caracteriza por la diversidad cultural de los habitantes de su inmenso territorio, donde muchas identidades son construidas y (re)construidas en el transcurso de la vida de las diferentes personas o grupos

---

<sup>1</sup> Doutora em Geografia pela UNESP. Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Novas Territorialidades – GECIT (CNPq-UFMT). E-mail: romanci@terra.com.br

sociales. Actualmente, la población de Mato Grosso es predominantemente urbana con el 81.8% de las personas viviendo en las ciudades. Esta característica justifica la necesidad de realizar estudios de las ciudades, que, en este artículo se abordan para exponer la importancia de la construcción de la identidad en Mato Grosso. El artículo pone de manifiesto las diferentes miradas, especialmente la del Grupo de Estudios e Investigaciones sobre Ciudades y Nuevas Territorialidades (GECIT/UFMT), que desarrollan investigaciones y contribuyen a la producción de conocimiento sobre temas urbanos y las relaciones entre el espacio y la cultura en Mato Grosso. A partir del tema: Nuevas territorialidades en Mato Grosso, se hace una presentación de las investigaciones realizadas en Diamantino, Rondonópolis, Sorriso, Sinop y las ciudades de la Zona Metropolitana del Vale do Rio Cuiabá (RMVRC).

**Palabras clave:** Mato Grosso; territorio; cultura; identidad.

## PALAVRAS INICIAIS

O estado de Mato Grosso tem uma área territorial de 903.357,91 Km<sup>2</sup>, tem três domínios biogeográficos: Amazônia, Cerrado e Pantanal, e o Vale do Rio Araguaia que se destaca por suas características singulares. Mato Grosso limita-se, ao norte, com os estados do Pará e Amazonas, ao sul, com o Mato Grosso do Sul, a leste, com Goiás e Tocantins e, a oeste, com Rondônia e a República da Bolívia. Apresenta uma população de 3.182.113, distribuída em 141 municípios, com densidade demográfica de 3,36 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2014).

Camargo (2011) ressalta que, em 1940, Mato Grosso possuía 192.531 habitantes e, em 2010, atingiu 3.033.991 habitantes. O período entre 1940 e 1970 foi de lento processo de crescimento populacional. O Programa Federal “Marcha para o Oeste”, no período 1930/1950, pouco contribuiu para o incremento populacional.

A construção de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960, promoveu o processo de integração da região Centro-Oeste ao território nacional. Neste contexto, Camargo (2011) informa que, no período de 1970/1980, a população de Mato Grosso atingiu a taxa de crescimento anual de 6,62%, contra 2,48% no Brasil. No período de 1980/1991, o crescimento se manteve em 5,38%, superior ao do Brasil, que foi de 1,93%. A partir de 1991, com a diminuição dos fluxos migratórios para Mato Grosso e queda dos índices de natalidade no país, o índice de crescimento tem se mantido em torno de 2%.

Sob esse prisma, as principais mudanças na economia e no espaço urbano de Cuiabá e Mato Grosso aconteceram a partir de 1964,

quando a União, sob o comando dos governos militares, através do projeto de Integração Nacional,<sup>2</sup> cujo lema era “Amazônia - integrar para não entregar”, promoveu a incorporação da Amazônia ao processo de expansão capitalista, transformando-a em fronteira do capital, atendendo aos interesses da burguesia nacional e do capital estrangeiro (CORRÊA, 1987).

Objetivando a colonização da Amazônia, o Governo Federal transformou a SPEVEA, Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia, em SUDAM, Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia.

Entre os estudos sobre a ocupação da Amazônia, evidenciam-se os realizados por Passos (1998, p. 58), segundo o qual:

O primeiro Plano de Integração Nacional (1970) atribui uma importância central ao desenvolvimento da “Nova Amazônia”, que se faz pela delimitação de um espaço geopolítico: “Amazônia Legal”, à base de um conjunto de organismos burocráticos tais como o BASA (Banco da Amazônia), o FIDAM (Fundos de Investimentos para a Amazônia), a SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), a criação de estradas indispensáveis, assim como uma política de estímulo à formação de polos agrícolas e industriais.

No contexto da ocupação da Amazônia, a rede urbana foi afetada pela forte ação do capital e do Estado brasileiro, que formulou programas especiais, como PIN – Programa de Integração Nacional, PROTERRA – Programa de Distribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do Norte e Nordeste, PRODOESTE – Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste, POLOCENTRO – Programa de Desenvolvimento dos Cerrados, POLAMAZÔNIA – Programa de Polos Agropecuários e Agrominerais da Amazônia, dentre outros.

Com esses Programas foram implantados projetos de colonização, rodovias, projetos agropecuários, projetos de mineração e infraestrutura urbana. Passos (1998, p. 58) afirma que a colonização agrícola representou “para os capitalistas, a possibilidade de enriquecimento pela aquisição de grandes extensões de terras e, para os mais pobres, um meio de sobrevivência”. Os projetos de colonização foram realizados, predominantemente, por empresas particulares, conforme se observa na Tabela a seguir.

---

2 A política de integração das áreas periféricas considerava como “espaços vazios” as áreas ainda não integradas ao modo capitalista de produção, mesmo que ocupadas por povos indígenas e camponeses.

**Tabela 01: Colonização em Mato Grosso – 1970/1992**

Projeto de Colonização	Projetos	Área (Km <sup>2</sup> )	% do Estado	Beneficiários (Famílias)
Oficial	14	10.634	1.18	10.185
<b>Particular</b>	<b>87</b>	<b>32.463</b>	<b>3.60</b>	<b>19.558</b>
Total	101	43.097	4.78	29.743

Fonte: Moreno (1993, p. 314). Organizado por Moura (2013, p. 34).

Através dos recursos do PIN foram pavimentadas a rodovia BR-163,<sup>3</sup> ligando Cuiabá a Campo Grande e São Paulo, e a BR-364,<sup>4</sup> ligando Mato Grosso a Goiás, ao Distrito Federal e ao Acre. Posteriormente, novas rodovias estaduais e municipais foram-se delineando no espaço mato-grossense, constituindo a malha rodoviária do estado de Mato Grosso.

Referente a esse período, merece destaque a divisão do estado de Mato Grosso, que ocorreu através da Lei Complementar n. 31, de 11 de outubro de 1977, quando o Presidente da República, Ernesto Geisel, criou o estado de Mato Grosso do Sul, por um ato arbitrário, sem consultar o povo e as lideranças locais, próprio do regime vigente no país (PÓVOAS, 1995).

Quando se efetivou a divisão do estado de Mato Grosso, em 1979, segundo cálculos do IBGE baseados no censo de 1970, o antigo Mato Grosso possuía 2 milhões e 300 mil habitantes, distribuídos em 93 municípios. O novo estado de Mato Grosso do Sul passou a contar com uma população de 1 milhão e 400 mil habitantes, distribuídos em 55 municípios. Mato Grosso remanescente ficou com 38 municípios e uma população de 900 mil habitantes (PÓVOAS, 1995).

Atualmente, a população de Mato Grosso é predominantemente urbana, com 81,8 das pessoas vivendo em cidades. Essa característica justifica nossa preferência pelos estudos da cidade, que propiciam novas análises das relações campo-cidade e que, neste artigo, aborda a importância da construção de identidades em Mato Grosso.

Registramos, aqui, vários olhares, especialmente, dos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Novas Territorialidades (GECIT/UFMT), que desenvolvem pesquisas e contribuem para a produção do conhecimento sobre temas urbanos e as relações entre espaço e cultura em Mato Grosso.

3 O trecho da BR-163, que liga Cuiabá a Sinop, no norte mato-grossense, teve sua pavimentação concluída em 1984. Posteriormente, novos trechos foram pavimentados até a divisa de Mato Grosso com o Pará.

4 Em 1985, a BR-364 estava totalmente asfaltada.



## CIDADE, CULTURA E IDENTIDADE

Segundo a teórica Jodelet (2001), a cidade oferece espaços, articula condições e as promove, para que seja vista, imaginada e representada de diferentes maneiras. Socialmente elaboradas e sempre em ação na vida social, as representações orientam e organizam condutas, comunicações e intervêm em processos como a difusão e a assimilação do conhecimento, definindo identidades sociais.

Este artigo tem como abordagem a geografia humanista que, para estudar a intencionalidade da ação humana, tendo em vista compreender o significado social do mundo vivido, centra parte de suas investigações nos laços entre os indivíduos e o meio material, expressados nos lugares, insistindo na construção social dos mesmos e tendo em conta aspectos como sua carga emotiva, estética e simbólica (GARCÍA BALLESTEROS, 1998).

A abordagem cultural foi pautada no conceito geográfico apresentado por Claval (1999, p. 63):

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é uma herança transmitida de uma geração a outra. [...] Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo.

Sob esse prisma, considerando que as culturas combinam heranças do passado e lições do presente, é importante investigar em que medida o espaço em que elas se inscrevem contribui para a transmissão de valores e para a construção de identidades.

Acerca da identidade territorial, o geógrafo Rogério Haesbaert (1999, p. 172) esclarece que:

toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social [...] de uma forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes.

O teórico argumenta que a identidade, em primeiro lugar, pode tanto estar referida a pessoas como a objetos, coisas. Em segundo lugar, ela implica uma relação de semelhança ou de igualdade. Constitui, assim, um paradoxo: encontrar a igualdade num “objeto” ou ‘pessoa’, defini-la a partir de características que a revelem na sua totalidade, na sua “inteireza”, encontrar um significado, um sentido geral e comum. E conclui: “esta busca do igual, do idêntico, pode ser trocada pela busca do ‘verdadeiro’, do ‘autêntico’, como se a verdade fosse una e indivisível” (HAESBAERT, 1999, p.173).

Para Laborde (1998), a posição geográfica, os acontecimentos históricos, os objetos materiais, as obras estéticas, a orientação econômica, a cultura, a forma de se viver, entre outros fatores, conforme eles se combinam, constituem um sistema de símbolos próprios de cada cidade.

No olhar do mesmo autor, a identidade da cidade se manifesta em um conjunto de signos, de objetos ou de imagens que têm o poder de evocar algo. Assim, reforça a importância do sítio histórico da cidade, sua primeira manifestação perceptível. Destaca que a percepção da identidade da cidade se torna mais evidente quando ela possui um ou mais monumentos, que são autênticos emblemas. Eles são as primeiras obras a perpetuar a lembrança, como um edifício notável por seu interesse arqueológico, histórico ou estético, o monumento constitui o elemento simbólico, por excelência, de qualquer cidade (LABORDE, 1998).

O autor ressalta, entretanto, que a cidade não compreende apenas os edifícios. As velhas habitações, unidas às condições do meio local ou regional, têm um papel importante na composição da paisagem urbana, em associação com o traçado e o perfil das ruas. Os detalhes se somam: balcões, portas, janelas, revestimentos dos muros, letreiros e vitrines das lojas, bares e restaurantes onde se percebe a vida da cidade, multidão sobre as calçadas, barulhos e odores. Os espaços verdes, as árvores, os arbustos entram nessa composição urbana, criando uma variedade de formas.

A construção das identidades em Mato Grosso remete ao processo anterior à chegada dos colonizadores, pois aqui viviam numerosas populações indígenas, que resistiram à invasão de seus territórios. Nestes confrontos ocorreu o extermínio e/ou a escravidão de inúmeros grupos. As comunidades indígenas, colocadas à margem da história oficial, resistiram e hoje se destacam como portadores de identidades coletivas e étnicas, que buscam num cenário de lutas, em especial por conflitos agrários e ambientais, reivindicar seus direitos coletivos por ambientes preservados (SILVA; SATO, 2012).

Na obra “*Mapa social: mapeando os grupos sociais do estado de Mato Grosso*”, Silva e Sato (2012, p. 23) evidenciam um rico mosaico das identidades que aqui se expressam: povos indígenas, povos quilombolas, povos pantaneiros, povos morroquianos, grupos de siriri, cururu e dança do congo, grupos com expressões ligados a espiritualidade (benzedeiros, rezadeiras, candomblecistas, umbandistas CIMI, CPT, a Pastoral da Juventude Rural (PJR) Comunidades Eclesiais de Base (CEB) – Centro Burnier de Fé e Justiça), povos ciganos, retireiros do Araguaia, seringueiros, povos extrativistas, agricultores familiares, artesãos, povos ribeirinhos, atingidos por barragens (MAB), assentados, acampados, articuladores e apoiadores, alguns movimentos: ecologista, hippie, artistas pela natureza, indigenistas, movimento negro e das mulheres negras.

Conforme análise realizada por Corrêa (2009), pautado em Azaryahu e Golan, tomando como base a denominação dos lugares, tanto em tempos remotos como nos dias recentes, a toponímia não é apenas um traço identitário, mas também um importante meio pelo qual articulam-se linguagem, poder e território. A nomeação da natureza e dos lugares é um exercício de autoridade e evidência de poder, sendo ainda instrumento de identidade de um grupo ou instituição e autenticação da apropriação territorial.

A respeito da toponímia no estado de Mato Grosso, o destacado escritor João Carlos Vicente Ferreira (2012), através da obra “*MATTO-GROSSO Etmologia toponímica*”, apresenta interessante pesquisa que propicia a leitura das identidades dos habitantes do Estado através da denominação dos municípios, das localidades, dos acidentes geográficos, entre outros aspectos (FERREIRA, 2012).

Para a compreensão do espaço sagrado nas cidades, Rosendahl (2002, p. 40) afirma que ao “falar de cidade e religião situamos o templo como atributo forte de conexão entre o urbano e o sagrado.” Como aconteceu em todas as formações das cidades, o espaço sagrado é o primeiro a ser implantado na produção do espaço urbano. A presença do espaço sagrado é evidenciada em diferentes formas por todo o território mato-grossense.

No estado de Mato Grosso, o município de Vila Bela da Santíssima Trindade se sobressai pela identidade que remete à etnia negra, desde a sua fundação até hoje. As pessoas da cidade organizam um lindo tríduo sagrado em homenagem a São Benedito, santo negro, o que reforça os aspectos religiosos com a identidade étnica. Essas características são influenciadas desde o período da escravidão, em que os negros cultuavam a fé para suportar os maus tratos dos sinhozinhos (BANDEIRA, 1988).

A população negra de Vila Bela mantém forte tradição religiosa, manifestada nas festividades que acontecem no mês de julho, em homenagem ao Glorioso São Benedito, e à festa do Divino Espírito Santo, com as manifestações culturais da dança do Congo e do Chorado.

Nos estudos sobre o sagrado em Cuiabá, merece destaque a dissertação de mestrado em Geografia, realizada pelo historiador Marcos Amaral Mendes, que tem como tema “*Identidade e território: estudo sobre a devoção a São Benedito em Cuiabá-MT*”. O autor percorre caminhos que comprovam que a festa de São Benedito constitui a maior festa do catolicismo popular em Mato Grosso.

Em Chapada dos Guimarães, a geógrafa Geisa Maria de Albuquerque Picolli analisou “*O sagrado e o profano na festa de Nossa Senhora de Santana em Chapada dos Guimarães*”. A autora destaca o sentimento de pertencimento das pessoas ao lugar, e a importância do espaço simbólico da igreja para a construção da identidade.

## AS NOVAS TERRITORIALIDADES EM MATO GROSSO

Em Mato Grosso, a partir da década de 1970 verifica-se a implantação do modelo de modernização da agricultura, mediante as políticas de desenvolvimento econômico orientadas pelo Estado. O intenso fluxo migratório dirigido ao Estado levou ao processo de urbanização, resultando na criação de cidades, como Lucas do Rio Verde, Nova Mutum, Sorriso, Sinop, Itaúba, Alta Floresta, Juína, Comodoro, Sapezal, Querência, entre outras, e promovendo mudanças em muitas das já existentes, a exemplo de Cáceres, que se destaca na integração sul-americana e exerce influência nos municípios bolivianos localizados na fronteira com Mato Grosso, Diamantino e Rondonópolis.

As cidades modificaram-se para atender às demandas do campo (consumo produtivo), e, simultaneamente, tornaram-se o *locus* da instalação dos novos produtores e grupos sociais que se dirigiram para estas áreas em função da dinâmica econômica da agricultura (SANTOS; SILVEIRA, 2001).

Ao analisarem a dinâmica do espaço urbano-regional, Romancini e Martins (2007) afirmam que, em relação às empresas instaladas na região norte mato-grossense, verifica-se que atualmente se estabelece a integração da cadeia carne/grãos, pois a produção de soja, além de ser processada e transformada em produtos, como o óleo e o farelo, vem sendo utilizada também na produção de rações para a alimentação de bovinos, suínos e aves. A paisagem dos municípios sob a influência da BR-163, por sua vez, revela a presença das principais *tradings* que estabelecem a conexão entre o local e o global: Bunge,

Cargill, a Archer Daniel Midlands (ADM), a Coibra e a Amaggi, esta última nacional.

## DIAMANTINO E AS NOVAS TERRITORIALIDADES

Na temática novas territorialidades em Mato Grosso, interessante pesquisa foi realizada pela geógrafa Rosângela Alves Sobrinho, que apresentou a dissertação de mestrado em Geografia sob o título “*Novas Territorialidades advindas da expansão da Soja no Médio Norte Mato-grossense - O Município de Diamantino/MT*”. A obra revela que o antigo município de Diamantino, território de várias nações indígenas, estendia-se até a confluência dos rios Juruena e Teles Pires, abrangendo extenso território. Depois da decadência da mineração e da borracha, Diamantino viveu um longo período de estagnação, ressurgindo na década de 1960, quando começou a receber intenso fluxo migratório (SOBRINHO, 2009).

A autora explica que à medida que crescia a migração, criavam-se núcleos de colonização que cresciam e, depois de um tempo, se emancipavam. Em decorrência deste processo, nos últimos anos o município de Diamantino perdeu a maior parte de seu antigo território, com a emancipação de 15 novos municípios: Alto Paraguai, Brasnorte, Campo Novo do Parecis, Juara, Lucas do Rio Verde, Nortelândia, Nova Marilândia, Nova Maringá, Nova Mutum, Novo Horizonte do Norte, Porto dos Gaúchos, Santo Afonso, São José do Rio Claro, Tabaporã e Tapurah.

A origem desses municípios se deve aos projetos de colonização, com exceção de Alto Paraguai, que surgiu do garimpo de diamante, e Campo Novo do Parecis, originado no entorno das grandes fazendas de soja (BARROZO, 2002).

Outra estudiosa que tem se dedicado ao tema é a professora Zuleika Alves de Arruda, com pesquisas de mestrado e doutorado em Geografia. No capítulo de livro “*As ‘agrocidades’ e as interfaces entre mundo rural e urbano: repercussões socioespaciais do agronegócio no território mato-grossense*”, a autora coloca em discussão o papel desempenhado em importantes cidades situadas em áreas do agronegócio, como Campo Novo do Parecis e Sapezal (ARRUDA, 2009).

## RONDONÓPOLIS – ESPETINHO É ELEITO SÍMBOLO DA GASTRONOMIA LOCAL

Ao se realizar pesquisa de campo em Rondonópolis, em maio de 2014, constatou-se algo curioso: em 2012, o município realizou um concurso para escolher o prato que representasse a cultura local. As-

sim, foi escolhido o espetinho rondonopolitano, inspiração de Paula Adriana Duarte, vencedora do concurso para a escolha do prato típico de Rondonópolis. O evento culinário foi idealizado pela Prefeitura Municipal de Rondonópolis, através do Departamento de Turismo da Secretaria de Desenvolvimento Econômico, com a proposta de criar, por meio de uma competição gastronômica, um prato típico que representasse Rondonópolis em seus 60 anos de emancipação política administrativa.

As criações tinham como base carnes, peixes, massas e saladas e principalmente elementos ligados à cozinha local, levando em conta o contexto histórico da cidade. O prato vencedor, “Roobife no palito”, é elaborado com filé mignon e tem como guarnições farinha de soja e purê de abóbora (PREFEITURA MUNICIPAL DE RONDONÓPOLIS, 2014).

Para o geógrafo Josenilton Balbino de Melo, o olhar para Rondonópolis se dá através da verticalização que, a exemplo das demais cidades brasileiras, configura os espaços de moradia das classes privilegiadas. O resultado desta pesquisa resultou na dissertação de mestrado “*A verticalização em cidades médias: uma análise da cidade de Rondonópolis-MT*”, apresentada e aprovada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, em 2013.

A verticalização em Rondonópolis está em consonância com o crescimento econômico e urbano que a cidade passou no decorrer dos últimos anos. Esse crescimento de forma mais acentuada se dá a partir da década de 1970, com a expansão da fronteira agrícola, pois nesse período a economia do município se baseava principalmente na pecuária extensiva e na cultura de grãos. A partir de meados da década de 1980, esse crescimento tem por base a monocultura da soja, com o avanço e modernização da agricultura e da produção, após a instalação de diversas agroindústrias no município (MELO; ROMANCINI, 2013).

### **SORRISO – CIDADE FUNDADA EM 1975 PELA COLONIZADORA FELIZ S.A.**

Entre os trabalhos desenvolvidos pelos geógrafos sobre Sorriso, elegemos o realizado por (de) Jorge Maroneze, que focou “*A territorialidade sulista na cidade de Sorriso-MT*”. O autor analisa as relações entre espaço e cultura através do “Centro de Tradições Gaúchas Recordando os Pagos”, um CTG bastante premiado em Mato Grosso.

Maroneze (2005) aborda importantes aspectos da paisagem em Sorriso: uma casa que vende produtos do Sul, as rodas de chimarrão, as bandas sulistas contratadas para os eventos no CTG, os estilistas, também do Sul, responsáveis pelo figurino das prendas e dos peões. Destaca, ainda, a Semana Farroupilha, que é o evento de maior expressão para os sulistas que se confraternizam no CTG.

A professora Zenilda Lopes Ribeiro realiza sua análise da paisagem urbana de Sorriso através da representação da Praça da Juventude. Nas palavras da pesquisadora, a escolha pela localidade ocorreu ao constatar que esta praça, como palco e cenário da vida, ainda mantém suas funções sociais e toda simbologia que o espaço representa. A Praça da Juventude constitui um microcosmo, tradição, símbolo, ícone, palco de manifestações da história local, demarca a centralidade da vida urbana, funciona como espaço de lazer e encontro da população (RIBEIRO, 2009).

Em agosto de 2004 ocorreu a inserção, na praça, de duas esculturas que estão expostas ao ar livre: a escultura “Tributo à Capoeira”, do artista de Sorriso Jackson Douglas, localizada na entrada principal da praça, faz menção à área de lazer esportivo e representa o grupo de capoeira do município. A outra escultura, da artista plástica de Sorriso, Lucimar Martins, refere-se ao “Nordestino” e simboliza os migrantes nordestinos que vivem na região norte de Mato Grosso. Além dessas esculturas, a praça tem o monumento que representa o sagrado, uma placa de mármore onde estão escritos os dez mandamentos (RIBEIRO, 2009).

## SINOP - SOCIEDADE IMOBILIÁRIA DO NOROESTE DO PARANÁ

Entre as pesquisas desenvolvidas sobre Sinop, tem papel relevante a realizada por Rodrigues (2007) que, na dissertação do mestrado em Geografia, aborda “*As novas territorialidades em Sinop-MT*”. A autora menciona que a cidade de Sinop é exemplo de um espaço urbano decorrente da expansão da fronteira capitalista do Estado, que o viabilizou como projeto originário de colonização particular. O município de Sinop tem a origem de seu nome na sigla que representa a Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná – Sinop, que adquiriu a gleba Celeste e fundou diversas cidades.

A análise da autora foi pautada nas transformações ocorridas no contexto socioeconômico e político das novas configurações territoriais do norte de Mato Grosso nas últimas décadas, evidenciando que as redes de transporte, energia e comunicação possibilitaram a Sinop

tornar-se uma espacialidade urbana-regional<sup>5</sup> no norte do estado de Mato Grosso (RODRIGUES, 2007).

No tocante às relações entre espaço e cultura, o geógrafo Edenilson Dutra de Moura pesquisou as “*Reflexões urbana1 e culturais sobre a cidade de Sinop (MT)*”. O autor destaca que a predominância de aspectos da ordem cultural que remetem à cultura sulista, em Sinop, é justificada pela forte migração da Região Sul do Brasil, desde a época da colonização até os dias atuais (MOURA, 2013).

Pautado em dados do IBGE, o autor ressalta que entre os municípios mato-grossenses, Sinop é o que apresenta o maior número de habitantes advindos da região Sul do Brasil para o estado de Mato Grosso, conforme se visualiza na Tabela a seguir.

**Tabela 02: Maiores Populações Sulistas em MT**

Cidade	População (Habitantes)
<b>Sinop</b>	<b>35.520</b>
Cuiabá	30.028
Sorriso	22.432
Várzea Grande	16.957
Lucas do Rio Verde	15.438

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2010. Organizado por Edenilson Moura, 2013.

Para compreender a espacialidade das manifestações culturais do Sul em Sinop, especialmente da cultura gaúcha, Moura (2013) realizou entrevistas com moradores, as quais subsidiam o presente artigo.

O entrevistado C.A.A.S. (34 anos), representante do Centro de Tradições Gaúchas (CTG), é natural da cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul. Possui ensino médio completo. Trabalha em Sinop como instrutor de danças regionais do estado do Rio Grande Sul, no “*Centro de Tradições Gaúchas - Estância da Amizade*”, que possui cerca de 300 associados.

O entrevistado, que reside em Sinop há 13 anos, antes de se mudar para Mato Grosso, morou em Santa Cruz do Sul e Rio Claro, ambas cidades no seu estado de origem, Rio Grande do Sul.

5 Unidade concentradora de população, relevância econômico-social e infraestrutura científico-tecnológica.



O que o entrevistado mais gosta em Sinop é a diversidade cultural e o respeito por todos no município, principalmente pela cultura gaúcha, que é expressiva. Sobre os aspectos culturais perguntados, C.A.A.S. mantém e tenta transmitir às novas gerações a sua tradição do Estado de origem, tomando o chimarrão, fazendo pratos da culinária gaúcha, como o arroz carreteiro, o churrasco nos fins de semana, mas também nas diferentes formas de expressões, como danças, poesias, músicas e indumentárias, a exemplo do chapéu, lenço, bota e bombacha.

Moura (2013) salienta que o CTG assume importante papel, pois, além dos ensinamentos da cultura gaúcha para formar tradicionalistas, segundo o instrutor de danças da casa, ele serve também como uma forma de levar o nome da cidade mato-grossense em nível nacional. Os integrantes do CTG participam de encontros e competições nacionais, sendo este conhecido nacionalmente por cumprir seu papel de manter a tradição cultural de um povo. Além de frequentador assíduo do CTG de Sinop, C.A.A.S., é o instrutor de danças, principalmente para crianças e adolescentes, no centro de tradições gaúchas, ensinando sobre os diferentes aspectos da cultura do Rio Grande do Sul, sobre artes e ofícios, como artesanatos em couro, músicas e danças regionais: como bugio, vanerão, chimarrita, pau de fitas e tirana.

### VALE DO ARAGUAIA

Muitas discussões poderiam ser tecidas sobre as territorialidades no Vale do Araguaia. Para enaltecer alguns aspectos locais, chamamos a atenção para a rica diversidade cultural dos povos indígenas e centramos a análise no Circuito Regional de Quadrilha do Araguaia, o Cirquaia, e nas Pastorinhas.

O Cirquaia acontece entre os meses de junho e julho, com o apoio da Secretaria de Estado de Cultura (SEC-MT) em parceria com as prefeituras dos municípios da região do Araguaia. Paulino (2014) informa que o Cirquaia tem como objetivo a melhoria da qualidade de vida dos participantes, além de promover a interação familiar por meio da manifestação desta cultura popular e degustação da gastronomia tradicional, típica das festas juninas.

Neste ano, 17 grupos da região do Araguaia participaram da grande final da 4ª edição do Circuito Regional de Quadrilha do Araguaia (Cirquaia) que aconteceu em Nova Xavantina (localizada a aproximadamente 600 km de Cuiabá). Entre os participantes, três grupos foram campeões na categoria “Acesso” e outros três na categoria “Iniciação”. No grupo de

Acesso ficou em 1º lugar o grupo “Flor do Sertão”, de Porto Alegre do Norte, em 2º o grupo “Coração Caipira”, de Porto Alegre do Norte e em 3º o grupo “Paixão Junina”, de Querência. Na categoria de Iniciação, a colocação foi a seguinte: em 1º lugar o grupo “Beija Flor”, de Confresa, em 2º o grupo “Explosão Caipira”, de São Felix do Araguaia e em 3º “Matutos do Xingu”, de Santa Cruz do Xingu. Os quesitos avaliados foram: quadrilha junina, casal de noivos, animador e barraca típica (PAULINO, 2014).

As manifestações culturais denominadas de Pastorinhas ocorrem em Barra do Garças e em outros municípios do Vale do Araguaia. Segundo informações do Portal Mato Grosso (2014), trata-se de pequena representação dramática, composta de várias cenas (jornadas), durante as quais se sucedem cantos, danças, partes declamadas e louvações que se realizam diante de presépios, entre os dias de Natal (25 de dezembro) e o de Santos Reis (6 de janeiro), para festejar o nascimento do Menino Jesus.

## IDENTIDADES DA REGIÃO METROPOLITANA DO VALE DO RIO CUIABÁ (RMVC)

A Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVC), criada pela Lei Complementar nº 359/09, de 27 de maio de 2009, é formada por Cuiabá, Várzea Grande, Nossa Senhora do Livramento e Santo Antônio do Leverger e, em seu entorno, pelos municípios de Acorizal, Barão de Melgaço, Chapada dos Guimarães, Jangada, Nobres, Nova Brasilândia, Planalto da Serra, Poconé e Rosário Oeste. Sua população é superior a um milhão de habitantes, concentrando muitas atividades econômicas, transformando-se em um centro de serviços especializados, financeiros e industriais.

Diversos estudos pautam suas análises no tema metrópole/cotidiano urbano. O professor doutor Cornélio Silvano Vilarinho Neto aponta que Cuiabá constitui uma metrópole regional face ao alcance de seus serviços, notadamente nas áreas de saúde e educação (VILARINHO NETO, 2009).

A professora e geógrafa Sandra Magali Amorim, em 2003, com a pesquisa “*Praças de Cuiabá: República, Alencastro, Ipiranga*”, enfatizou que as praças constituem importantes lugares da memória para a cidade e sua população.

Por sua vez, a geógrafa Iracema Alves da Silva, em 2010, com o trabalho “*Uma abordagem da relação do migrante rural e a cidade: o caso do bairro Pedra 90 em Cuiabá (MT)*”, demonstrou como os migrantes de origem rural reconstroem sua identidade no espaço urbano.

Outros trabalhos apontam para a dinâmica territorial de Cuiabá e região: a professora Eledir da Cruz Martins, em 2005, analisou a “*A natureza na cidade: verticalização no entorno do Parque Mãe Bonifácia em Cuiabá/MT*”.

Na mesma ótica, a mestre em Geografia Rejane Cristina da Silva Barros, em 2013, concluiu a pesquisa “*A natureza nos empreendimentos imobiliários em Cuiabá-MT: o entorno do Parque Massairo Okamura*”. Ambos os estudos revelam que o homem urbano perdeu o sentimento de pertencimento à natureza, tornando-se ela algo que está fora dele, que pode ser apreciada e conferir valor aos empreendimentos imobiliários.

A professora Elídia de Abreu, em 2005, abordou o “*Shopping 3 Américas: um estudo sobre a (re)estruturação urbana do bairro Jardim das Américas, Cuiabá – MT*”, importante espaço no contexto urbano de Cuiabá.

A geógrafa Maria Lúcia Coradini, em 2006, analisou “*A paisagem simbólica de Bom Sucesso e Limpo Grande em Várzea Grande-MT*”. A autora alerta que as redes não constituem apenas beleza cênica e constata a importância econômica da atividade para os moradores da comunidade, apesar da falta de organização das tecelãs e o fato de que muitas delas estão trocando a tecelagem pela segurança do emprego assalariado. Com isso, a tendência é a redução dessa atividade importante para a identidade cultural de Várzea Grande e também de Mato Grosso, uma vez que o alto custo da produção artesanal dos produtos, a falta de organização das tecelãs e a busca de segurança no trabalho assalariado são ameaças à atividade (CORADINI; ROMANCINI, 2013).

O arquiteto e mestre em Geografia, João Pedro Figueiró D’Ornellas, em 2006, demonstrou que os “*Movimentos de luta e estratégias de vida em uma área segregada da cidade de Cuiabá: o bairro Novo Horizonte*” são movimentos sociais que produzem novas territorialidades urbanas.

A professora Mariselma Lopes Fonseca de Amorim, em 2007, estudou o “*Excursionismo eco-rural em Água Fria – Distrito de Chapada dos Guimarães*”. A autora aborda o bucólico distrito e destaca o grupo de siriri Flor do Cambambe. O roteiro realizado pelos guias de turismo em Água Fria, geralmente, é o seguinte: horta comunitária, próxima à Escola Municipal Profa. Elba Xavier, onde os estudantes da escola plantam e usufruem dos produtos. O segundo ponto é a farinheira, de propriedade da senhora Carmelita, local onde o turista aprende o processo de produção da farinha. Em seguida, o antigo garimpo

de propriedade do senhor Salvador, local em que o turista conhece a história do garimpo, aliada aos fatos, lendas e causos narrados, de maneira até dramática, pelo próprio senhor Salvador, além da observação da paisagem do antigo garimpo; e, finalizando, o conhecimento da comunidade de Pingador, especificamente a cachoeira de mesmo nome (AMORIM, 2009).

A arquiteta e mestre em Geografia, Patrícia Aparecida Matos de Oliveira Alberton, em 2006, centrou sua análise no tema “*O bairro popular nos imaginários urbanos*”, demonstrando que a identidade da cidade também se encontra na representação da vida noturna em Cuiabá.

A geógrafa Chênia Castilho Reis, em 2008, com a dissertação de mestrado em Geografia intitulada “*Pantanal Shopping: um novo espaço de comércio em Cuiabá-MT*” destaca que a “cultura de consumo” se caracteriza por criar “necessidades” para os indivíduos, que passam a ser reconhecidos e identificados como integrantes de um determinado grupo social. Isso leva as pessoas a acreditar que o único meio de se construir uma identidade é através do consumo de bens materiais (REIS, 2009).

A professora e geógrafa Adriana Queiroz do Nascimento, em 2009, trouxe a lume “*Um estudo sobre a cidade ilegal em Cuiabá (MT)*”, mostrando que a identidade de parte da população da periferia social é construída na luta pelo direito à cidade.

Por sua vez, a mestre em geografia, Maria Garcia Villaça, em 2009, com o estudo “*Envelhecimento populacional e a Gestão da Cidade: um estudo sobre Cuiabá-MT*”, analisa os espaços necessários, criados na cidade, para o desenvolvimento pleno da vida, especialmente na terceira idade.

Mestre em Geografia, Josemara Brito Souza, em 2011, com a pesquisa denominada “*A influência de instituições de ensino superior – (ies) na dinâmica do mercado imobiliário de Cuiabá-MT*”, aborda a importância da criação da Universidade Federal de Mato Grosso e as novas territorialidades advindas da expansão do ensino superior em Cuiabá.

Para finalizar, a economista Silvana Maria dos Anjos, em 2014, com o trabalho de mestrado em Geografia sobre “*A produção do espaço no contexto do comércio varejista 24 horas em Cuiabá-MT*”, evidencia que a cidade de Cuiabá está inserida na nova morfologia urbana de cidades que oferecem serviços noturnos. Segundo a autora, duas são as razões para a cidade ter se evolvido: facultar novas articulações espaço-tempo e reprodução do espaço urbano, e gerar diferentes técnicas e modos de venda no espaço urbano, em razão da singular competição estabelecida pelos agentes produtores no comércio da capital mato-grossense (ANJOS, 2014).

## PALAVRAS FINAIS

O estado de Mato Grosso se caracteriza pela diversidade cultural dos habitantes de seu imenso território, portanto, muitas identidades são construídas e (re)construídas no desenrolar das vidas de diferentes pessoas e/ou grupos sociais.

De acordo com os estudos realizados, a identificação com o lugar se traduz, “tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais”, segundo a afirmativa de Bossé (2004, p. 161).

Esse olhar para a paisagem de Mato Grosso remete à afirmativa de Berque (1998), de que ela é simultaneamente marca e matriz. Marca, porque o grupo contribui para modificar o espaço que utiliza e gravar nele os sinais de sua atividade e os símbolos de sua identidade. A paisagem é também uma matriz, visto que a organização e as formas que a estruturam contribuem para transmitir usos e significações de uma geração à outra.

Em relação à contribuição do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso para o tema “*A construção de identidades em Mato Grosso*”, vale ressaltar que há nove décadas o Instituto vem acompanhando o desenvolvimento da ciência e hoje, juntamente com a Academia Mato-grossense de Letras, através do acervo do Arquivo da Casa Barão de Melgaço, é importante referência para as pesquisas de estudantes de todos os níveis de ensino. Além disso, contribui com a publicação de conceituada revista científica, que demonstra o nível intelectual dos membros que pertencem à instituição e também de seus colaboradores.

Ressalta-se, ainda, a interiorização do IHGMT com a criação dos Institutos Históricos e Geográfico Municipais, estendendo sua atuação pelo território mato-grossense.

Contudo, registra-se que falta o apoio do Governo de Mato Grosso para estudos referentes às diferentes áreas culturais que compõem este imenso e diversificado território.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Mariselma Fonseca. Excursionismo eco-rural em Água Fria – Distrito de Chapada dos Guimarães-MT. In: ROMANCINI, Sônia Regina (Org.). *Novas territorialidades nas cidades mato-grossenses*. Cuiabá: EdUFMT, 2009. p. 116-135.
- ANJOS, Silvina Maria. *A produção do espaço no contexto do comércio varejista 24 horas em Cuiabá-MT*. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014.
- ARRUDA, Zuleika Alves. As “agrocidades” e as interfaces entre mundo rural e urbano: repercussões socioespaciais do agronegócio no território mato-grossense. In: ROMANCINI, Sônia Regina (Org.). *Novas territorialidades nas cidades mato-grossenses*. Cuiabá: EdUFMT, 2009. p. 175-198.
- BANDEIRA, Maria de Lurdes. *Território negro em espaço branco*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BARROZO, João Carlos. *Diamantino: do extrativismo à agricultura moderna*. Colaboração de Gisélia Silva Rocha, Odair Gonçalves de Matos, Renato Schaeffer e Marissol Néspoli – Cuiabá: NERU/CNPq/SEMEC de Diamantino, 2002.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-5.
- BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny. *Paisagens, textos e identidade* (Orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. 179 p. p. 157-179.
- CAMARGO, Lígia. (Org.). *Atlas de Mato Grosso – Abordagem socioeconômico-ecológica*. Cuiabá: Entrelinhas / SEPLAN – MT, 2011.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: EdUFSC, 1999.
- CORADINI, Maria Lúcia; ROMANCINI, Sônia Regina. Entre fios e lavrados: estudo sobre a atividade das tecelãs na comunidade de Limpo Grande (MT). *Anais... V Colóquio Nacional do Núcleo de Pesquisas em Espaço e Representações (NEER)*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. CD-ROM ISBN 1981 6820
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Sobre a geografia cultural*. Rio de Janeiro: NEPEC, 2009. (Mimeo)
- CORRÊA, Roberto Lobato. A periodização da rede urbana da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, n. 3, jul./set. 1987, p. 39-68.

- FERREIRA, João Carlos Vicente. *MATTO-GROSSO Etmologia toponímica*. Cuiabá: J.C.V. Ferreira, 2012.
- GARCÍA BALLESTEROS, Aurora. (Coord.) *Métodos y técnicas cualitativas en geografía social*. Barcelona: Oikos-tau, 1998.
- HASBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato. *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 169-190.
- IBGE, Mato Grosso.  
Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=mt> Acesso em 11 jun. 2014.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *As representações sociais*. Tradução de Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LABORDE, Pierre. L'identité: valeur du futur de la ville? Coimbra: *Cadernos de Geografia*, n.17, n.191-193, 1998.
- MARONEZE, Jorge. *A territorialidade sulista na cidade de Sorriso-MT*. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso. Sorriso, 2005.
- MELO, Josenilton Balbino de; ROMANCINI, Sônia Regina. Rondonópolis (MT): intensificação do processo de verticalização em bairro nobre. *Anais... V Colóquio Nacional do Núcleo de Pesquisas em Espaço e Representações (NEER)*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2013. CD-ROM ISBN 1981 6820
- MENDES, Marcos Amaral. *Identidade e território: estudo sobre a devoção a São Benedito em Cuiabá-MT*. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UFMT, Cuiabá, 2010.
- MOURA, Edenilson Dutra de. *Reflexões urbanas e culturais da cidade de Sinop (MT)*. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2013.
- PASSOS, Messias Modesto dos. *Amazônia: teledeteção e colonização*. São Paulo: Fundação EdUNESP, 1998. (Prismas)
- PAULINO, Camila. *O encerramento do Cirquaia em Nova Xavantina foi sucesso de público*. Disponível em: <http://www.cultura.mt.gov.br/noticias/o-encerramento-do-cirquaia-em-nova-xavantina-foi-sucesso-de-publico/114605>. Acesso em: 13 jul. 2014.
- PICOLLI, Geisa Maria de Albuquerque. *O sagrado e o profano na festa de Nossa Senhora de Santana em Chapada dos Guimarães*. Monografia (Curso Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2003.

PORTAL MATO GROSSO. *As Pastorinhas*. Disponível em: <http://www.mteseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=358&cid=16945>. Acesso em: 15 jun. 2014.

PÓVOAS, Lenine Campos. *História geral de Mato Grosso: dos primórdios à queda do Império*, vol. 1. Cuiabá: L. C. Póvoas, 1995.

REIS, Chênia Castilho. Pantanal Shopping: um novo espaço de comércio em Cuiabá-MT. In: ROMANCINI, Sônia Regina (Org.). *Novas territorialidades nas cidades mato-grossenses*. Cuiabá, EdUFMT, 2009. p. 77-95.

RIBEIRO, Zenilda Lopes. A representação da Praça da Juventude na paisagem urbana de Sorriso-MT. In: ROMANCINI, Sônia Regina (Org.). *Novas territorialidades nas cidades mato-grossenses*. Cuiabá, EdUFMT, 2009. p. 239-254.

RODRIGUES, Cleire Oliveira. *As novas territorialidades em Sinop – MT*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2007.

ROMANCINI, Sônia Regina; MARTINS, Eledir da Cruz. Sinop-MT: uma abordagem sobre a dinâmica do espaço urbano-regional. In: Gilda Tomasini Maitelli; Cleusa A. G. P. Zamparoni. (Orgs.). *Expansão da Soja na Pré-Amazônia Mato-grossense - impactos socioambientais*. 1 ed. Cuiabá: EdUFMT; Entrelinhas, 2007, v. 1. p. 171-191.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Josiane Rosa; JESUS, Maria Sobrinha S.; CHRISTAN, Patrícia; RITTER, Sibeli; ROMANCINI, Sônia R. Os festejos do Senhor Divino Espírito Santo e São Benedito em Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*. v. 63, p. 79-94, 2005.

SILVA, Regina; SATO, Michèle. *Mapa social: mapeando os grupos sociais do estado de Mato Grosso – Brasil*. Cuiabá: UFMT, 2012.

SOBRINHO, Rosângela. Dinâmica territorial, agronegócio e re-territorialização: o Município de Diamantino/MT. In: ROMANCINI, Sônia Regina (Org.). *Novas territorialidades nas cidades mato-grossenses*. Cuiabá: EdUFMT, 2009. p. 175-198.

VILARINHO NETO, Cornélio Silvano. *A Metropolização regional: formação e consolidação da rede urbana do estado de Mato Grosso*. Cuiabá: EdUFMT, 2009.